

MÁRIO DE ANDRADE

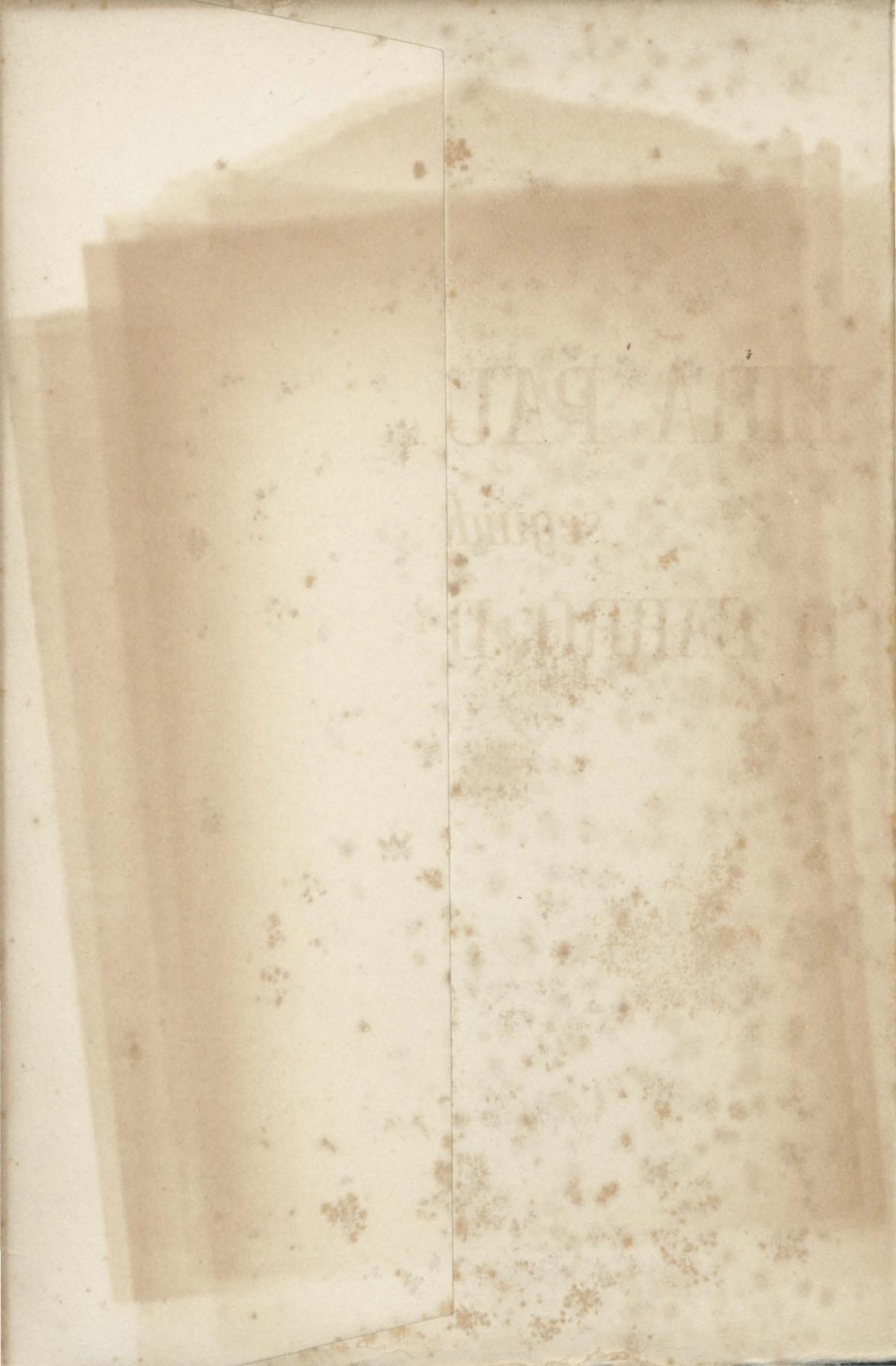
LIRA PAULISTANA

*seguida de*

O CARRO DA MISÉRIA

Livraria Martins Editora S. A.  
SÃO PAULO

ura  
ira  
ds.  
/ IEL



LIRA PAULISTANA  
*seguida de*  
O CARRO DA MISÉRIA

manus  
scdata

10

LIRA PALESTANA

O CARRO DA MISERIA

LIRA PALESTANA

O CARRO DA MISERIA

MÁRIO DE ANDRADE

LIRA PAULISTANA  
*seguida de*  
O CARRO DA MISÉRIA



LIVRARIA MARTINS EDITORA S. A.  
SÃO PAULO

*Na ed.*

MG 0000 70 920

F-23508L

869.15

An 24L

14 5377

BCC

Primeira Edição

MARIA DE ANDRADE  
LIRA PAULISTANA  
segunda de  
O CARRO DA MISERIA



INSTITUTO BRASILEIRO DE HISTORIA E GEOGRAFIA  
RUA DO RIO DE JANEIRO, 100 - 20011-900

## NOTA DO EDITOR

*Conforme desejo expresso de Má-  
rio de Andrade, "Lira Paulistana" e "O  
Carro da Miséria" saem juntos em edi-  
ção original independente. Quando esta  
se esgotar, serão incluídos com os de-  
mais poemas no volume II das "Obras  
Completas": "Poesias Completas".*



Lira Paulistana



**M**inha viola bonita,  
Bonita viola minha,  
Cresci, cresceste comigo  
Nas Arábias.

Minha viola namorada,  
Namorada viola minha,  
Cantei, cantaste comigo  
Em Granada.

Minha viola ferida,  
Ferida viola minha,  
O amor fugiu para leste  
Na borrasca

Minha viola quebrada,  
Raiva, anseios, lutas, vida,  
Miséria, tudo passou-se  
Em São Paulo.

São Paulo pela noite.  
Meu espírito alerta  
Baila em festa e metrópole.

São Paulo na manhã.  
Meu coração aberto  
Dilui-se em corpos flácidos.

São Paulo pela noite.  
O coração alçado  
Se expande em luz sinfônica.

São Paulo na manhã.  
O espírito cansado  
Se arrasta em marchas fúnebres.

São Paulo noite e dia...

A forma do futuro  
Define as alvoradas:  
Sou bom. E tudo é glória.

O crime do presente  
Enoitece o arvoredo:  
Sou bom. E tudo é cólera.

Garoa do meu São Paulo,  
— Timbre triste de martírios —  
Um negro vem vindo, é branco!  
Só bem perto fica negro,  
Passa e torna a ficar branco.

Meu São Paulo da garoa,  
— Londres das neblinas finas —  
Um pobre vem vindo, é rico!  
Só bem perto fica pobre,  
Passa e torna a ficar rico.

Garoa do meu São Paulo,  
— Costureira de malditos —  
Vem um rico, vem um branco,  
São sempre brancos e ricos...

Garoa, sai dos meus olhos.

Vaga um céu indeciso entre nuvens cansadas.  
Onde está o insofrido? O mal das almas  
Quase parece um bem na linha das calçadas,  
A palavra se inutiliza em brisas calmas

De andantes, onde estou! No entanto é dia claro...  
Tôda forma de ação se esvai numa atonia,  
Há desamparo e aceitação do desamparo.

— Essa história de amar quando começa o dia...

Ruas do meu São Paulo,  
Onde está o amor vivo,  
Onde está?

Caminhos da cidade,  
Corro em busca do amigo,  
Onde está?

Ruas do meu São Paulo,  
Amor maior que o cibo,  
Onde está?

Caminhos da cidade,  
Resposta ao meu pedido,  
Onde está?

Ruas do meu São Paulo,  
A culpa do insofrido,  
Onde está?

Há de estar no passado,  
Nos séculos malditos,  
Aí está.

**A**bre-te bôca e proclama  
Em plena praça da Sé,  
O horror que o Nazismo infame  
É.

Abre-te bôca e certaia,  
Sem piedade por ninguém,  
Conta os crimes que o estrangeiro  
Tem.

Mas exalta as nossas rosas,  
Esta primavera louca,  
Os tico-ticos mimosos,  
Cala-te bôca.

**Ê**sse homem que vai sòzinho  
Por estas praças, por estas ruas,  
Tem consigo um segrêdo enorme,  
É um homem.

Essa mulher igual às outras  
Por estas ruas, por estas praças,  
Traz uma surprêsa cruel,  
É uma mulher.

A mulher encontra o homem,  
Fazem ar de riso, e trocam de mão,  
A surprêsa e o segrêdo aumentam  
Violentos.

Mas a sombra do insofrido  
Guarda o mistério na escuridão.  
A morte ronda com sua foice.  
Em verdade, é noite.

*O disco terminara e a companhia estava vulnerada. Foi quando Camargo Guarnieri arrancou:*

*— Mas nunca numa sala de concérto, se pode obter sonoridade assim!*

*Um disse:*

*— Essa música é uma mentira.*

**M**eus olhos se enchem de lágrimas.

Tudo se turva em recusas escuras,  
Muxibas congeladas, casas  
Em série, músicas racionadas,  
O deus novo científico e marcial  
Gerando latagões. Em latas.

Partir eu parto...

Mas essa música é mentira.

Mas partir eu parto.

Mas eu não sei onde vou.

O bonde abre a viagem,  
No banco ninguém,  
Estou só, stou sem.

Depois sobe um homem,  
No banco sentou,  
Companheiro vou.

O bonde está cheio,  
De novo porém  
Não sou mais ninguém.

**E**u nem sei si vale a pena  
Cantar São Paulo na lida,  
Só gente muito iludida  
Limpa o gôto e assopra a avena,  
Esta angústia não serena,  
Muita fome pouco pão,  
Eu só vejo na função  
Miséria, dolo, ferida,  
Isso é vida?

São glórias desta cidade  
Ver a arte contando história,  
A religião sem memória  
De quem foi Cristo em verdade,  
Os chefes nossa amizade,  
Os estudantes sem textos,  
Jornalismo no cabresto,  
Tolos cantando vitória,  
Isso é glória?

Divórcio pra todo o lado,  
As guampas fazem furor,  
Grã-finos do despudor,  
No gasogênio empestado,  
Das moças do operariado  
São os gozosos mistérios,  
Isso de ter filho, néris,  
E se ama seja o que fôr,  
Isso é amor?

Mas o pior desta nação  
É ter fábrica de gás  
Que donos-da-vida faz  
Ianques e inglêses de ação,  
Tudo vem de convulsão  
Enquanto se insulta o Eixo,  
Lights, Tramas, Corporation,  
E a gente de trás pra trás,  
Isso é paz?

Pois nada vale a verdade,  
Ela mesma está vendida,  
A honra é uma suicida,  
Nuvem a felicidade,  
E entre rosas a cidade,

Muito concha e relambória,  
Sem paz, sem amor, sem glória,  
Se diz terra progredida,  
Eu pergunto:  
Isso é vida?

O céu claro tão largo, cheio de calma na tarde,  
É ver uma criança adormecida  
Baixando as pálpebras sem pensamento  
Sôbre um mundo que ainda não viveu.

Luzes suaves e certas, luzes até nas sombras,  
Doçura em tudo. Os homens estão mais longe,  
São apenas recordações mansas pousando  
Num sentimento sem temor.  
Os ruídos se amaciam quase envelhecidos,  
Doçura em tudo. O chão é vagarento,  
O ar se esquece. A tensão do insofrido se abranda  
Como a firmeza das continuações.

Eu te guardo, homem do meu caminho...  
Ôh espelhos, Pireneus, caiçaras insistentes,  
Por que não sereis sempre assim!  
Abril...

**T**ua imagem se apaga em certos bairros,  
Mas tua dor rasga nos ares,  
Não me deixa dormir.

Oh, Gilda, Oneida, Tarsila, me fechem a bôca,  
Tapem meus olhos e meus ouvidos,  
Para que a glória do insofrido  
Volte a cantar Minas Gerais!

A tua dor se dispersa nos ares,  
Mas tua imagem suando ao dia inútil  
Me impede até de chorar.

Eu vou-me embora, vou-me embora,  
Fazer week-end em Santo Amaro,  
Repartir em vãs alegrias  
Meu desejo vão de esquecer!

Só isso levas, coração.

**N**uma cabeleira pesada  
Que ondula defronte de mim  
No bonde,  
Há reflexos de sol vermelho.

Um calor nasce no meu corpo  
Que todo se desfolha em dedos  
Amigos  
Que eu perco pelas multidões.

Os reflexos do sol vermelho  
Incendeiam as multidões  
Felizes  
Que construirão a outra São Paulo

Que reconduzirá meus dedos  
Para a conclusão do meu corpo  
No leito  
Duma cabeleira pesada.

**N**a rua Barão de Itapetininga

O meu coração não sabe de si,  
Não se vê moça que não seja linda,  
Minha namorada não passeia aqui.

Na rua Barão de Itapetininga  
Minha aspiração não agüenta mais,  
A tarde caindo, a vida foi longa,  
Mas a esperança já está no cais.

Na rua Barão de Itapetininga  
Minha devoção quebra duma vez,  
Porque a mulher que eu amo está longe,  
É... a princesa do império chinês.

Na rua Barão de Itapetininga  
Noite de São João qualquer mês terá,  
Em mil labaredas de fogo e sangue  
Bandeira ardente tremulará.

Na rua Barão de Itapetininga  
Minha namorada vem passear.

**B**eijos mais beijos,  
Milhões de beijos preferidos,  
Venho de amôres com a minha amada,  
Insaciáveis.

Rosas mais rosas,  
Milhões de rosas paulistanas,  
Venho de sustos com a minha amiga,  
Implacáveis.

Luzes mais luzes,  
Luzes perdidas na garoa,  
Trago tristezas no peito vivo,  
Implacáveis.

Ideais, ideais,  
Ideais raivosos do insofrido,  
Trago verdades novas na bôca,  
Insaciáveis.

Jornais, jornais,  
Notícias que enchem e esvaziam,  
— Me dá uma bomba sem retardamento,  
Implacável!

Horas mais horas,  
Rio do meu mistério esquivo,  
— Me dá violetas pelos meus dedos  
Insaciáveis...

**S**ilêncio em tudo. Que a música  
Rola em disco sem cessar.  
Uns pensam, outros suspiram,  
Um escuta.

Lourdes reina a paz em Varsóvia.  
A advertência dos vidrilhos  
Ladrilha tudo. Nos cantos  
Murcham as flores de retórica.

Rui bom, cuidado! Motorista  
Dos highlands do pensamento:  
Nessas landas os nativos  
Não consertam as estradas.

Minas Gerais, fruta paulista,  
Sambre et Méuse bem marxante,  
Periga às vêzes, por confiança  
Nas gageures.

Êsse clima de São Paulo,  
Muito vento e bem calor,  
Abrir e fechar de portas  
Nas auroras do cristal.

Paulo Emílio assim que o ruído  
Ruiu, o trem descarrilou  
No screen-play ruim... Mas os ratos  
Os ratos roem por aí.

Um largo gesto desmaia  
Na ribalta. Não faz mal  
Que em São Paulo deciolizem  
Lagartixas ao sol.

Essa impiedade da paineira  
Consigo mesma... Qualquer vento,  
Vento qualquer... Os canários  
Cantam que mais cantam.

Lourival sentencioso,  
Parceiro de dor e vale,  
Nunca houve fúrias de Averno  
Em diabo grande.

O arreliquim de Tintagiles, Gilda,  
Me esconde tudo, neblina.  
A hera deu flor... A saudade  
Lilá ri das inquietações.

Silêncio em tudo... Que a música  
Na cuíca mansa e amiga,  
Faz que diz mas não diz...  
Adormeceram.

**B**ailam em saltos fluidos  
Na graça flébil da tarde  
— Adeus, meninas e violas! —  
Mas o goleiro alvo explode  
Num fulgor que salva o gol.

Insultos, glórias, estertores,  
Menino que me recusas  
Tua verdade em cruzeiros...  
A massa bruta se esgueira  
Buscando os refúgios.

Onde andam os perdões?...  
A dor fugiu para as ilhas,  
Enquanto a noite nega  
Enfermos e agitados  
Corpos, corpos, corpos.

**A** catedral de São Paulo  
Por Deus! que nunca se acaba  
— Como minha alma.

É uma catedral horrível  
Feita de pedras bonitas  
— Como minha alma.

A catedral de São Paulo  
Nasceu da necessidade  
— Como minha alma.

Sacro e profano edifício,  
Tem pedras novas e antigas  
— Como minha alma.

Um dia há de se acabar,  
Mas depois se destruirá  
— Como o meu corpo.

E a alma, memória triste,  
Por sôbre os homens arisca,  
Sem pôrto.

...os que esperam, os que perdem  
o motivo, os que emudecem,  
os que ignoram, os que ocultam  
a dor, os que desfalecem

os que continuam, os  
que duvidam... Coração,  
Afirma, afirma e te abraça  
**Pelas milícias do não!**

**A**gora eu quero cantar  
Uma história muito triste  
Que nunca ninguém cantou,  
A triste história de Pedro,  
Que acabou qual principiou.

Não houve acalanto. Apenas  
Um guincho fraco no quarto  
Alugado. O pai falou,  
Enquanto a mãe se limpava:  
— É Pedro. E Pedro ficou.  
Ela tinha o que fazer,  
Êle inda mais, e outro nome  
Ali ninguém procurou,  
Não pensaram em Alcibíades,  
Floriscópio, Ciro, Adrasto,  
Que-dê tempo pra inventar!  
— É Pedro. E Pedro ficou.

Pedrinho engatinhou logo  
Mas muito tarde falou;  
Ninguém falava com êle,  
Quando chorava era surra  
E aprendeu a emudecer.  
Falou tarde, brincou pouco,  
Em breve a mãe ajudou.  
Nesse trabalho insuspeito  
Passou o dia, e nem bem  
A noite escura chegou,  
Como única resposta  
Um sono bruto o prostrou.

Por trás do quarto alugado  
Tinha uma serra muito alta  
Que Pedro nunca notou,  
Mas num dia dêsses, não  
Se sabe porquê, Pedrinho  
Para a serra se voltou:  
— Havia de ter, decerto,  
Uma vida bem mais linda  
Por trás da serra, pensou.

Sineta que fere ouvido,  
Vida nova anunciou;  
Que mêdo ficar sòzinho,

Sem pai, mesmo longínquo, sem  
Mãe, mesmo ralhando, tanta  
Piasada, êle sem ninguém...

Pedro foi para um cantinho,  
Escondeu o olho e chorou.  
Mas depois foi divertido,  
Aliás prazer misturado,  
Feito de comparação.  
O menino roupa-nova  
Pegava tudo o que a mestra  
Dizia, êle não pegou!  
Por quê!... Mas depois de muito  
Custo, a coisa melhorou.

Êle gostava era da  
História Natural, os  
Bichos, as plantas, os pássaros,  
Tudo entrava fácil na  
Cabecinha mal penteada,  
Tudo Pedro decorou.  
Havia de saber tudo!  
Se dedicar! descobrir!  
Mas já estava bem grandinho  
E o pai da escola o tirou.  
Ah que dia desgraçado!  
E quando a noite chegou,  
Como única resposta  
Um sono bruto o prostrou.

Por trás da escola de Pedro  
Tinha uma serra bem alta  
Que o menino nunca olhou;  
Logo no dia seguinte  
Quando a oficina parou,  
Machucado, sujo, exausto,  
Pedrinho a escola rondou.  
E eis que de repente, não  
Se sabe por quê, Pedrinho  
Para a serra se voltou:  
— Havia de ter por certo  
Outra vida bem mais linda  
Por trás da serra! pensou.

Vida que foi de trabalho,  
Vida que o dia espalhou,  
Adeus bela natureza,  
Adeus, bichos, adeus, flores,  
Tudo o rapaz, obrigado  
Pela oficina, largou.  
Perdeu alguns dentes e antes,  
Pouco antes de fazer quinze  
Anos, na bôca da máquina  
Um dedo Pedro deixou.  
Mas depois de mês e pico  
Ao trabalho êle voltou,

E quando em frente da máquina,  
Pensam que teve ódio? Não!  
Pedro sentiu alegria!  
A máquina era êle! a máquina  
Era o que a vida lhe dava!  
E Pedro tudo perdoou.

Foi pensando, foi pensando,  
E pensou que mais pensou,  
Teve uma idéia, veio outra,  
Andou falando sòzinho,  
Não dormiu, fêz experiência,  
E um ano depois, num grito,  
Louca alegria de amor,  
A máquina aperfeiçoou.  
O patrão veio amigável  
E Pedro galardoou,  
Pôs êle noutra trabalho,  
Subiu um pouco o ordenado:  
— Aperfeiçoe esta máquina,  
Caro Pedro! e se afastou.

Era um cacareco de  
Máquina! e lá, bem na frente,  
Bela, puxa vida! bela,  
A primeira namorada  
De Pedro, nas mãos dum outro,

Bela, mais bela que nunca,  
Se mexendo trabalhou  
O dia inteiro. Nem bem  
A noite negra chegou,  
O rapaz desiludido  
Um sono bruto prostrou.

Por trás da fábrica havia  
Uma serra bem mais baixa  
Que Pedro nunca enxergou,  
Porém no dia seguinte  
Chegando pra trabalhar,  
Não se sabe por quê, Pedro  
Para a serra se voltou:  
— Havia de ter, decerto,  
Uma vida bem mais linda  
Por trás da serra, pensou.

Ôh, segunda namorada,  
Flor de abril! cabelo crêspo,  
Mão de princesa, corpinho  
De vaca nova... Era vaca.  
Aquêlé riso que faz  
Que ri, nunca me enganou...  
Caiu nos braços de quem?  
Caiu nos braços de todos,  
Caiu na vida e acabou.

Com a terceira namorada,  
Na primeira roupa preta,  
Pedro de prêto casou.  
E logo vieram os filhos,  
Vieram doenças... Veio a vida  
Que tudo, tudo aplainou.  
Nada de horrível, não pensem,  
Nenhuma desgraça ilustre  
Nem dores maravilhosas,  
Dessas que orgulham a gente,  
Fazendo cegos vaidosos,  
Tísicos excepcionais,  
Ou formando Aleijadinhos,  
Beethovens e heróis assim:  
Pedro apenas trabalhou.  
Ganhou mais, foi subindinho,  
Um pão de terra comprou.  
Um pão apenas, três quartos  
E cozinha, num subúrbio  
Que tudo dificultou.  
Menos tempo, mais despesa,  
Terra fraca, alguma pêra,  
Emprêgo lá na cidade,  
Escola pra filho, ofício  
Pra filho, um num choque de  
Trem, inválido ficou.

—Sono! único bem da vida!...

Foi essa frase sem fôrça,  
Sem História Natural,  
Sem máquina, sem patente  
De invenção, que por derradeiro  
Pedro na vida inventou.  
E quando remoendo a frase,  
A noite preta chegou,  
Pedro, Pedrinho, José,  
Francisco, e nunca Alcibíades,  
Um sono bruto anulou.

Por trás da morada nova  
Não tinha serra nenhuma,  
Nem morro tinha, era um plano  
Devastado e sem valor,  
Mas um dia dêsses, sempre  
Igual ao que ontem passou,  
Pedro, João, Manduca, não  
Se sabe porquê, António  
Para o plano se voltou:  
— Talvez houvesse, quem sabe,  
Uma vida bem mais calma  
Além do plano, pensou.

Havia, Pedro, era a morte,  
Era a noite mais escura,  
Era o grande sono imenso;

Havia, desgraçado, havia  
Sim, burro, idiota, bêsta,  
Havia sim, animal,  
Bicho, escravo sem história,  
Só da História Natural!...

Por trás do túmulo dêle  
Tinha outro túmulo... Igual.

**N**a rua Aurora eu nasci  
Na aurora de minha vida  
E numa aurora cresci.

No largo do Paissandu  
Sonhei, foi luta renhida,  
Fiquei pobre e me vi nu.

Nesta rua Lopes Chaves  
Envelheço, e envergonhado  
Nem sei quem foi Lopes Chaves.

Mamãe! me dá essa lua,  
Ser esquecido e ignorado  
Como êsses nomes da rua.

Vieste dum futuro selvagem,  
Todo fera e diamante bruto,  
Trazido pelo vento sul,  
Vento sul.

Me perseguiste em tôda a parte,  
Me brutalizou teu minuto  
Em Mogi, São Bernardo e Embu,  
Vento sul.

Mas a devastação fraterna  
Incendeia o coração puro  
Em labaredas de ouro e azul,  
Vento sul.

E na promessa do teu nome,  
Partindo os espelhos do escuro,  
Me converteste em vento sul,  
Vento sul.

**M**oça linda bem tratada,  
Três séculos de família,  
Burra como uma porta:  
Um amor.

Grã-fino do despudor,  
Esporte, ignorância e sexo,  
Burro como uma porta:  
Um coió.

Mulher gordaça, filó  
De ouro por todos os poros.  
Burra como uma porta:  
Paciência...

Plutocrata sem consciência,  
Nada porta, terremoto  
Que a porta do pobre arromba:  
Uma bomba.

**Q**uando eu morrer quero ficar,  
Não contem aos meus inimigos,  
Sepultado em minha cidade,  
Saudade.

Meus pés enterrem na rua Aurora,  
No Paissandu deixem meu sexo,  
Na Lopes Chaves a cabeça  
Esqueçam.

Na Pátio do Colégio afundem  
O meu coração paulistano:  
Um coração vivo e um defunto  
Bem juntos.

Escondam no Correio o ouvido  
Direito, o esquerdo nos Telégrafos,  
Quero saber da vida alheia,  
Sereia.

O nariz guardem nos rosais,  
A língua no alto do Ipiranga  
Para cantar a liberdade.  
Saudade...

Os olhos lá no Jaraguá  
Assistirão ao que há de vir,  
O joelho na Universidade,  
Saudade...

As mãos atirem por aí,  
Que desvivam como viveram,  
As tripas atirem pro Diabo,  
Que o espírito será de Deus.  
Adeus.

**N**um filme de B. de Mille

Eu vi pela quinta vez  
A triste vida de Cristo,  
Rei dos Reis.

Num mictório de São Paulo  
Pouco depois li uma vez,  
Sobre o desenho dum pênis,  
Rei dos reis.

Num automóvel de luxo,  
Sessenta vêzes por mês,  
Bem barbeado, bom charuto,  
Rei dos reis...

Oh, vós todos, homens, homens,  
Homens, o escravo sereis,  
Si dentro em breve não fôrdes  
Rei dos reis!

**E**ntre o vidrilho das estrêlas dúbias,  
Luisito, voas na guerra italiana...  
És minuto e depois minuto, e inteiro  
O corpo novo se retesa  
Na contensão dos esforços finais.

Cada momento de tua vida é um fim final.

Dentro da luz do sol das mil côres,  
Luisito, voas no teu avião de combate,  
E és único. Tão só! Estás tão destinadamente abandonado  
Num céu de tocaia, tecido a fogo e destruição.

Cada gesto, cada vontade tua é destruição...

Pousado na terra sem sono,  
Dormes envolto num cenário insatisfeito,  
E tudo o que é não é: teu lar, tuas namoradas,  
Teus estudos e a promessa não cumprida.

Luisito! tens um sabor de promessa falhada!

Em pleno ôlho sem pálpebras dás morte,  
Armado de morte, cercado de morte, amante da morte,  
Voas e há sòmente morte em ti.  
Como te fizeram antigo, Luisito, que pena!  
Quando voltares, si voltares, jamais te perguntarei nada,  
Jamais direi, jamais direi, ficarei mudo, mudo,  
Jamais siquer me perguntarei o que sinto...

Mas como te fizeram antigo, meu Luisito!  
Rajadas de sino, rajadas de bandeiras, músicas e danças:  
Tudo será esquecido na alegria,  
Tudo será futuro em busca do homem novo.  
Mas eu sei que em tua face não culpada  
Estará inscrita a lágrima que eu choro.

Ah, que ninguém nos deixe aos dois sòzinhos  
Neste nosso lar familiar!  
Quem são os dois inimigos que se cumprimentam  
[ formalizados?  
Por que escurece a sala o friúme dum rancor?  
Como te fizeram antigo, meu Luisito, que pena!  
Como te medalharam de passados horríveis!  
Não poderei perdoar quando estiver comigo!  
Não deverás perdoar pra que sejas perfeito!

A porta vai bater fechando sem adeus.  
E alguém, não serei eu, não serás tu, alguém,  
Alguém que se quebrou em dois irremediavelmente,  
Soluçará: — Que pena...

Nunca estará sòzinho.

A estação cinquentenária  
Abre a paisagem ferroviária,  
Graciano vem comigo.

Nunca estará sòzinho.  
É tanta luz formosa,  
Tanto verde, tanto côr-de-rosa,  
Anita vem comigo.

Nunca estará sòzinho,  
Artigas ali na Escola,  
Sargentos, Yan? Me pede esmola  
O rancor do inimigo.

Todo o Nordeste canta,  
Zé Bento vem comigo,  
Confissões na garganta,  
Nunca estará sòzinho.

A ponte das Bandeiras  
Indaga das remotas  
Zonas, imaturas zonas,  
Meu sinal do Amazonas...

Nunca estará sòzinho!  
Nem há noite que o salve  
Da angústia que o dissolve  
Em amigos e inimigos.

## A Meditação Sôbre o Tietê

Água do meu Tietê,  
Onde me queres levar?  
— Rio que entras pela terra  
E que me afastas do mar...

**É** noite. E tudo é noite. Debaixo do arco admirável  
Da Ponte das Bandeiras o rio  
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.  
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,  
Soturnas sombras, enchem de noite tão vasta  
O peito do rio, que é como si a noite fôsse água,  
Água noturna, noite líquida, afogando de apreensões  
As altas tôrres do meu coração exausto. De repente  
O ólio das águas recolhe em cheio luzes trêmulas,  
É um susto. E num momento o rio  
Esplende em luzes inumeráveis, lares, palácios e ruas,  
Ruas, ruas, por onde os dinosauros caxingam  
Agora, arranha-céus valentes donde saltam  
Os bichos blau e os punidores gatos verdes,  
Em cânticos, em prazeres, em trabalhos e fábricas,  
Luzes e glória. É a cidade... É a emaranhada forma  
Humana corrupta da vida que muge e se aplaude.

E se aclama e se falsifica e se esconde. E deslumbra.  
Mas é um momento só. Logo o rio escurece de novo,  
Está negro. As águas oliosas e pesadas se aplacam  
Num gemido. Flor. Tristeza que timbra um caminho de morte.  
É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado  
É um rumor de germes insalubres pela noite insone e humana.

Meu rio, meu Tietê, onde me levas?  
Sarcástico rio que contradizes o curso das águas  
E te afastas do mar e te adentras na terra dos homens,  
Onde me queres levar? . . .  
Por que me proíbes assim praias e mar, por que  
Me impedes a fama das tempestades do Atlântico  
E os lindos versos que falam em partir e nunca mais voltar?  
Rio que fazes terra, húmus da terra, bicho da terra,  
Me induzindo com a tua insistência turrona paulista  
Para as tempestades humanas da vida, rio, meu rio! . . .

Já nada me amarga mais a recusa da vitória  
Do indivíduo, e de me sentir feliz em mim.  
Eu mesmo desisti dessa felicidade deslumbrante,  
E fui por tuas águas levado,  
A me reconciliar com a dor humana pertinaz,  
E a me purificar no barro dos sofrimentos dos homens.  
Eu que decido. E eu mesmo me reconstituí árduo na dor  
Por minhas mãos, por minhas desvivas mãos, por

Estas minhas próprias mãos que me traem,  
Me desgastaram e me dispersaram por todos os descaminhos,  
Fazendo de mim uma trama onde a aranha insaciada  
Se perdeu em cisco e porem, cadáveres e verdades e ilusões.

Mas porém, rio, meu rio, de cujas águas eu nasci,  
Eu nem tenho direito mais de ser melancólico e frágil,  
Nem de me estrelar nas volúpias inúteis da lágrima!  
Eu me reverto às tuas águas espessas de infâmias,  
Oliosas, eu, voluntariamente, sôfregamente, sujado  
De infâmias, egoísmos e traições. E as minhas vozes,  
Perdidas do seu tenor, rosnam pesadas e oliosas,  
Varando terra a dentro no espanto dos mil futuros,  
À espera angustiada do ponto. Não do meu ponto final!  
Eu desisti! Mas do ponto entre as águas e a noite,  
Daquele ponto leal à terrestre pergunta do homem,  
De que o homem há de nascer.

Eu vejo, não é por mim, o meu verso tomando  
As cordas oscilantes da serpente, rio.  
Tôda a graça, todo o prazer da vida se acabou.  
Nas tuas águas eu contemplo o Boi Paciência  
Se afogando, que o peito das águas tudo soverteu.  
Contágios, tradições, brancuras e notícias,  
Mudo, esquivo, dentro da noite, o peito das águas, fechado, mudo,  
Mudo e vivo, no despeito estrídulo que me fustiga e devora.

Destino, predestinações... meu destino. Estas águas  
Do meu Tietê são abjetas e barrentas,  
Dão febre, dão a morte decerto, e dão garças e antíteses.  
Nem as ondas das suas praias cantam, e no fundo  
Das manhãs elas dão gargalhadas frenéticas.  
Silvos de tocaias e lamurientos jacarés.  
Isto não são águas que se beba, conhecido, isto são  
Águas do vício da terra. Os jabirus e os socós  
Gargalham depois morrem. E as antas e os bandeirantes e os ingás,  
Depois morrem. Sobra não. Nem sequer o Boi Paciência  
Se muda não. Vai tudo ficar na mesma, mas vai!... e os corpos  
Podres envenenam estas águas completas no bem e no mal.

Isto não são águas que se beba, conhecido! Estas águas  
São malditas e dão morte, eu descobri! e é por isso  
Que elas se afastam dos oceanos e induzem à terra dos homens,  
Paspalhonas. Isto não são águas que se beba, eu descobri!  
E o meu peito das águas se esborrifa, ventarrão vem, se encapela,  
Engruvinhado de dor que não se suporta mais.

Me sinto o pai Tietê! ôh fôrça dos meus sovacos!  
Cio de amor que me impede, que destrói e fecunda!  
Nordeste de impaciente amor sem metáforas,  
Que se horroriza e enraivece de sentir-se  
Demagògicamente tão sòzinho! Ôh fôrça!  
Incêndio de amor estrondante, enchente magnânima que me inunda,  
Me alarma e me destroça, inerme por sentir-me  
Demagògicamente tão só!

A culpa é tua, Pai Tietê? A culpa é tua  
Si as tuas águas estão podres de fel  
E majestade falsa? A culpa é tua  
Onde estão os amigos? onde estão os inimigos?  
Onde estão os pardais? e os teus estudiosos e sábios, e  
Os iletrados?  
Onde o teu povo? e as mulheres! dona Hircenuhdis Quiroga!  
E os Prados e os crespos e os pratos e os barbas e os gatos e os  
[ línguas  
Do Instituto Histórico e Geográfico, e os mu-  
seus e a Cúria, e os senhores chantres reverendíssimos,  
Celso niil estate variolas gide memoriam,  
Calípedes flogísticos e a Confraria Brasiliense e Clima  
E os jornalistas e os trustkistas e a Light e as  
Novas ruas abertas e a falta de habitações e  
Os mercados?... E a tiradeira divina de Cristo!...

Tu és Demagogia. A própria vida abstrata tem vergonha  
De ti em tua ambição fumarenta.  
És demagogia em teu coração insubmisso.  
És demagogia em teu desequilíbrio anticéptico  
E antiuniversitário.  
És demagogia. Pura demagogia.  
Demagogia pura. Mesmo alimpada de metáforas.  
Mesmo irrespirável de furor na fala reles:  
Demagogia.  
Tu és enquanto tudo é eternidade e malvasia:  
Demagogia.

Tu és em meio à (crase) gente pia:

Demagogia.

És tu jocoso enquanto o ato gratuito se esvazia:

Demagogia.

És demagogia, ninguém chegue perto!

Nem Alberto, nem Adalberto nem Dagoberto

Esperto Ciumento Peripatético e Ceci

E Tancredo e Afrodísio e também Armida

E o próprio Pedro e também Alcibíades,

Ninguém te chegue perto, porque tenhamos o pudor,

O pudor do pudor, sejamos verticais e sutis, bem

Sutis!... E as tuas mãos se emaranham lerdas,

E o Pai Tietê se vai num suspiro educado e sereno,

Porque és demagogia e tudo é demagogia.

Olha os peixes, demagogo incivil! Repete os carcomidos peixes!

São êles que empurram as águas e as fazem servir de alimento

Às areias gordas da margem. Olha o peixe dourado sonoro,

Êsse um é presidente, mantém faixa de crachá no peito,

Acirculado de tubarões que escondendo na fussa rotunda

O perrepismo dos dentes, se revesam na rota solene,

Lânguidamente presidenciais. Ei-vem o tubarão-martelo

E o lambari-spitfire. Ei-vem o bôto-ministro.

Ei-vem o peixe-boi com as mil mamicas imprudentes,

Perturbado pelos golfinhos saltitantes e as tabaranas

Em zás-trás dos guapos Pêdêcês e Guaporés.

Eis o peixe-baleia entre os peixes muçuns lineares,

E os bagres do lôdo oliva e bilhões de peixins japoneses;  
Mas és asnático o peixe-baleia e vai logo encalhar na margem,  
Pois quis engolir a própria margem, confundido pela facheada.  
Peixes aos mil e mil, como se diz, brincabrancando  
De dirigir a corrente, com ares de salva-vidas.  
E lá vem por debaixo e por de-banda os interrogativos peixes  
Internacionais, uns rubicundos sustentados de môsca,  
E os espadartes a trote chique, êsses são espadartes! e as duas  
Semanas Santas se insultam e odeiam, na lufa-lufa de ganhar  
No bicho o corpo do Crucificado. Mas as águas,  
As águas choram baixas num murmúrio lívido, e se difundem  
Tecidas de peixe e abandono, na mais incompetente solidão.

Vamos, Demagogia! eia! sus! aceita o ventre e investe!  
Berra de amor humano impenitente,  
Cega, sem lágrima, ignara, colérica, investe!  
Um dia hás de ter razão contra a ciência e a realidade,  
E contra os fariseus e as lontras luzidias.  
E contra os guarás e os elogiados. E contra todos os peixes.  
E também os mariscos, as ostras e os trairões fartos de equilíbrio e  
Pundhonor.

Pum d'honor.

Qué-de as Juvenilidades Auriverdes!  
Eu tenho mêdo... Meu coração está pequeno, é tanta  
Essa demagogia, é tamanha,  
Que eu tenho mêdo de abraçar os inimigos,

Em busca apenas dum sabor,  
Em busca dum olhar,  
Um sabor, um olhar, uma certeza...

É noite... Rio! meu rio! meu Tietê!  
É noite muito!... As formas... Eu busco em vão as formas  
Que me ancorem num pôrto seguro na terra dos homens.  
É noite e tudo é noite. O rio tristemente  
Murmura num banzeiro de água pesada e oliosa.  
Água noturna, noite líquida... Augúrios mornos afogam  
As altas tórres do meu exausto coração.  
Me sinto esvair no apagado murmúlio das águas.  
Meu pensamento quer pensar, flor, meu peito  
Queria sofrer, talvez (sem metáfora) uma dor irritada...  
Mas tudo se desfaz num choro de agonia  
Plácida. Não tem formas nessa noite, e o rio  
Recolhe mais esta luz, vibra, reflete, se aclara, refulge,  
E me larga desarmado nos transe da enorme cidade.

Si todos êsses dinosauros imponentes de luxo e diamante,  
Vorazes de genealogias e de arcanos,  
Quisessem reconquistar o passado...  
Eu me vejo sòzinho, arrastando sem músculo  
A cauda do pavão e mil olhos de séculos,  
Sobretudo os vinte séculos de anticristianismo  
Da por todos chamada Civilização Cristã...

Olhos que me intrigam, olhos que me denunciam,  
Da cauda do pavão, tão pesada e ilusória.  
Não posso continuar mais, não tenho, porque os homens  
Não querem me ajudar no meu caminho.  
Então a cauda se abriria orgulhosa e reflorescente  
De luzes inimagináveis e certezas...  
Eu não seria tão somente o pêso dêste meu desconsôlo,  
A lepra do meu castigo queimando nesta epiderme  
Que encurta, me encerra e me inutiliza na noite,  
Me revertendo minúsculo à advertência do meu rio.  
Escuto o rio. Assunto êstes balouços em que o rio  
Murmura num banzeiro. E contemplo  
Como apenas se movimenta escravizada a torrente,  
E rola a multidão. Cada onda que abrolha  
E se mistura no rolar fatigado é uma dor. E o surto  
Mirim dum crime impune.

Vem de trás o estirão. É tão soluçante e tão longo,  
E lá na curva do rio vêm outros estirões e mais outros,  
E lá na frente são outros, todos soluçantes e presos  
Por curvas que serão sempre apenas as curvas do rio.  
Há de todos os assombros, de tôdas as purezas e martírios  
Nesse rôlo tôrvo das águas. Meu Deus! meu  
Rio! como é possível a torpeza da enchente dos homens!  
Quem pode compreender o escravo macho  
E multimilenar que escorre e sofre, e mandado escorre  
Entre injustiça e impiedade, estreitado

Nas margens e nas areias das praias sequiosas?  
Elas bebem e bebem. Não se fartam, deixando com desespero  
Que o resto do galé aquoso ultrapasse êsse dia,  
Pra ser represado e bebido pelas outras areias  
Das praias adiante, que também dominam, aprisionam e mandam  
A trágica sina do rôlo das águas, e dirigem  
O leito impassível da injustiça e da impiedade.  
Ondas, a multidão, o rebanho, o rio, meu rio, um rio  
Que sobe! Fervilha e sobe! E se adentra fatalizado, e em vez  
De ir se alastrar arejado nas liberdades oceânicas,  
Em vez se adentra pela terra escura e ávida dos homens,  
Dando sangue e vida a beber. E a massa líquida  
Da multidão onde tudo se esmigalha e se iguala,  
Rola pesada e oliosa, e rola num rumor surdo,  
E rola mansa, amansada imensa eterna, mas  
No eterno imenso rígido canal da estulta dor.

Por que os homens não me escutam! Por que os governadores  
Não me escutam? Por que não me escutam  
Os plutocratas e todos os que são chefes e são fezes?  
Todos os donos da vida?  
Eu lhes daria o impossível e lhes daria o segrêdo,  
Eu lhes dava tudo aquilo que fica pra cá do grito  
Metálico dos números, e tudo  
O que está além da insinuação cruenta da posse.  
E si acaso êles protestassem, que não! que não desejam  
A borboleta translúcida da humana vida, porque preferem

O retrato a óleo das inaugurações espontâneas,  
Com béstias de operário e do oficial, imediatamente inferior,  
E palminhas, e mais os sorrisos das máscaras e a profunda comoção,  
Pois não! Melhor que isso eu lhes dava uma felicidade deslumbrante  
De que eu consegui me despojar porque tudo sacrifiquei.  
Sejamos generosíssimos. E enquanto os chefes e as fezes  
De mamadeira ficassem na creche de laca e lacinhos,  
Ingênuos brincando de felicidade deslumbrante:  
Nós nos iríamos de camisa aberta ao peito,  
Descendo verdadeiros ao léu da corrente do rio,  
Entrando na terra dos homens ao côro das quatro estações.

Pois que mais uma vez eu me aniquilo sem reserva,  
E me estilhaço nas fagulhas eternamente esquecidas,  
E me salvo no eternamente esquecido fogo de amor...  
Eu estalo de amor e sou só amor arrebatado  
Ao fogo irrefletido do amor.

... eu já amei sozinho comigo; eu já cultivei também  
O amor do amor, Marta!

E a carne plena da amante, e o susto vário  
Da amiga, e a confiança do amigo... Eu já amei  
Contigo, Irmão Pequeno, no exílio da preguiça elevada, escolhido  
Pelas águas do turbido rio do Amazonas, meu outro sinal.  
E também, ôh também! na mais impávida glória  
Descobridora da minha inconstância e aventura,  
Desque me fiz poeta e fui trezentos, eu amei  
Todos os homens, odiei a guerra, salvei a paz!

E eu não sabia! Eu bailo de ignorâncias inventivas,  
E a minha sabedoria vem das fontes que eu não sei!  
Quem move meu braço? Quem beija por minha bôca?  
Quem sofre e se gasta pelo meu renascido coração?  
Quem? sinão o incêndio nascituro do amor? . . .  
Eu me sinto grimpado no arco da Ponte das Bandeiras,  
Bardo mestiço, e o meu verso vence a corda  
Da caninana sagrada, e afina com os ventos dos ares, e enrouquece  
Úmido nas espumas da água do meu rio,  
E se espatifa nas dedilhações brutas do incorpóreo Amor.

Por que os donos da vida não me escutam?  
Eu só sei que eu não sei por mim! sabem por mim as fontes  
Da água, e eu bailo de ignorâncias inventivas.  
Meu baile é sôlto como a dor que range, meu  
Baile é tão vário que possui mil sambas insonhados!  
Eu converteria o humano crime num baile mais denso  
Que estas ondas negras de água pesada e oliosa,  
Porque os meus gestos e os meus ritmos nascem  
Do incêndio puro do amor. . . Repetição. Primeira voz sabida, o  
[Verbo.  
Primeiro trôco. Primeiro dinheiro vendido. Repetição logo igno-  
[rada.

Como é possível que o amor se mostre impotente assim  
Ante o ouro pelo qual o sacrificam os homens,  
Trocando a primavera que brinca na face das terras  
Pelo outro tesouro que dorme no fundo baboso do rio!

É noite! é noite!... E tudo é noite! E os meus olhos são noite!  
Eu não enxergo sequer as barcaças na noite.  
Só a enorme cidade. E a cidade me chama e pulveriza,  
E me disfarça numa queixa flébil e comedida,  
Onde irei encontrar a malícia do Boi Paciência  
Redivivo. Flor. Meu suspiro ferido se agarra,  
Não quer sair, enche o peito de ardência ardilosa,  
Abre o olhar, e o meu olhar procura, flor, um tilintar  
Nos ares, nas luzes longe, no peito das águas,  
No reflexo baixo das nuvens.

São formas... Formas que fogem, formas  
Indivisas, se atropelando, um tilintar de formas fugidias  
Que mal se abrem, flor, se fecham, flor, flor, informes, inacessíveis,  
Na noite. E tudo é noite. Rio, o que eu posso fazer!...  
Rio, meu rio... mas porém há de haver com certeza  
Outra vida melhor do outro lado de lá  
Da serra! E hei de guardar silêncio!  
O que eu posso fazer!... hei de guardar silêncio  
Dêste amor mais perfeito do que os homens?...

Estou pequeno, inútil, bicho da terra, derrotado.  
No entanto eu sou maior... Eu sinto uma grandeza infatigável!  
Eu sou maior que os vermes e todos os animais.  
E todos os vegetais. E os vulcões vivos e os oceanos,

Maior... Maior que a multidão do rio acorrentado,  
Maior que a estrêla, maior que os adjetivos,  
Sou homem! vencedor das mortes, bem-nascido além dos dias,  
Transfigurado além das profecias!

Eu recuso a paciência, o boi morreu, eu recuso a esperança.  
Eu me acho tão cansado em meu furor.  
As águas apenas murmuram hostis, água vil mas turrona paulista  
Que sobe e se espraia, levando as auroras represadas  
Para o peito dos sofrimentos dos homens.  
... e tudo é noite. Sob o arco admirável  
Da Ponte das Bandeiras, morta, dissoluta, fraca,  
Uma lágrima apenas, uma lágrima,  
Eu sigo alga escusa nas águas do meu Tietê.

(30-XI-44 a 12-II-45)

(Acalanto para Luís Carlos, filho de Guilherme de Figueiredo com Alba.)

**N**asceu Luís Carlos no Rio  
E todo me transportei,  
Luís Carlos do meu carinho.

Vive um Luís Carlos sòzinho  
E todo me apaixonei,  
Luís Carlos do meu respeito.

Luís Carlos, dorme em meu peito,  
Goza a infância sossegado,  
Sonha, brinca, dorme, dorme!

Luís Carlos, fecundo, enorme,  
Sofre o sonho amordaçado,  
Não cede, não vive, flâmula!

Criança, nasces num cúmulo  
De nuvem rubra e pletora  
Que dará volta na vida.

Homem, morres nessa lida  
Pra que a criança de agora  
Viva outra vida mais branca.

Dorme, Luís Carlos, a franca  
Perfeição dêsse teu sono,  
Enquanto o mundo é mudado

Pelo homem sacrificado  
Por amor do teu futuro.  
Que vivas íntegro, como  
Hoje puro, amanhã puro.



# O Carro da Miséria



# O Carro da Miséria

a Carlos Lacerda

## I

O quê que vêm fazer pelos meus olhos tantos barcos  
Lenços rompendo adeuses presentinhos  
Charangas na terra-roxa das estações um grito  
Um grito não um gruto  
Que me faz esquecer a miséria do mundo pão pão...

O quê que vem fazer na minha bôca um beijo  
A mulher da Bolívia agarrando  
Um penacho de viúvas restritas  
Restritas não restrutas  
Que o papagalo repassa e põe na vida...

Ah... caminhos caminhos caminhos errados de séculos...  
Me sinto o Pai Tietê. Dos meus sovacos  
Saem fantasmas bonitões pelos caminhos  
Penetrando o esplendor falso da América.

Dei-vos minas de ouro vós me dais mineiros!  
Glória a Cícero nas vendinhas alterosas  
Com a penugem dos pensamentos sutis  
Feito ninho de guaxe  
O passado atrapalha os meus caminhos  
Não sou daqui venho de outros destinos  
Não sou mais eu nunca fui eu decerto  
Aos pedaços me vim — eu caio! — aos pedaços disperso  
Projetado em vitrais nos joelhos nas caiçaras  
Nos Pireneus em pororoca prodigiosa  
Rompe a consciência nítida: EU TUDOAMO.

Ora venga los zabumbas  
Tudoamarei! Morena eu te tudoamo!  
Destino pulha alma que bem cantaste  
Maxixa agora samba o côco  
E te enlambuza na miséria nacionar

## II

Meu baralho dois ouros  
Eu não quero mais jogar  
Meu baralho dois ouros  
Eu não quero mais jogar.

E diz o príncipe  
Sangue-azul louro perneta  
Ontem me deu na veneta  
Fui na venda pra jogar  
Joguei no sangue  
Companheiro de aventura  
Mas o sangue se depura  
Está na moda depurar

Meu baralho dois ouros  
Eu não quero mais jogar.

E diz o sangue  
Rebolando a raça fina  
Tintinabulem tintinas  
Que eu vou jogar no ariano  
Mai' não me assustem  
Que num mês viro paulista  
Ganho bem suspendo a crista  
E tenho quatrocentos anos.

Meu baralho dois ouros  
Eu não quero mais jogar.

Diz o ariano  
Deixe de parte seu mano  
Você fede a veterano  
Da rabolução de julho  
Tava danado  
Com a sonhança dêsses pestes  
Que joguei no Júlio Prestes  
Mas quem deu foi o Getúlio.

Meu baralho dois ouros  
Eu não quero mais jogar

E diz o Júlio  
Sou o mês nublado e frio  
Que lava a bunda no rio  
E economiza sabão  
Fui trapaceado  
Tanto heroísmo tanto estralo  
Que arrisquei tudo em São Paulo  
Mas quem deu foi a traição.

Meu baralho dois ouros  
Eu não quero mais jogar.

Diz a treição  
Navegando na água turva  
Vá pela sombra e na curva  
Apite que nem buzina  
E foi-se embora  
Tão elegante e gentil  
Que joguei no meu Brasil  
Mas quem deu foi a Argentina!

Ai meu baralho dois ouros  
Eu não quero nunca mais jogar!  
Vou seguindo no cortejo  
E vira o côco Sinhá!

### III

Pica-Fumo Rompe-Rasga  
João Jaffet e mariposa  
Olê banqueiro da esquina  
Acende a vela da espôsa  
Pica-Fumo funga um chôro  
Rompe-Rasga masca a coisa  
João Jaffet sou da imoralidade  
Olê banqueiro da esquina  
O que não sabe imagina  
João Jaffet da nossa cama  
Deu um prisco e disse adeus

Mas o banqueiro crê em Deus  
Convoca na escruzilhada  
Um conselho de família  
Vem o Diabo vem a Pomba  
Rompe-Rasga Jornalista  
E a Santa Constituição  
Senhores grande é o perdão  
O juiz com a vela da espôsa  
Bateu no céu que esfolou  
Eu joguei na mariposa  
Mas quem deu foi barbuleta  
“Antigamente espineta  
Depois mazurca, hoje samba”  
Me disse um cipreste triste  
Senhor de borla e cacimba

#### IV

Mas não quero êstes zabumbas!  
Eu não quero o fulgor da mocidade  
Nem teus peiticos morena.

Vamos a ver adonde cai o fogo-do-ar  
É um coração velho experimentado  
Que a Guerra Grande de 14 mutilou...

Voa uma pomba no adro.  
O caçador aponta. A pomba atira.  
A pia pinga o pinto pia  
Morre a vizinha.

És virgem  
Virgem nasceste virgem morreste ôh sonêto  
Vejo tua estrêla morta no teu corpo frio  
Onde os ratos fazem ninho.

O entêrro trouxe tanto carro  
“Mais um!” sino canta “Mais um!”  
Supostas as lágrimas de todos os porões  
Puxa que inundação!

Mas eu não quero êstes zabumbas  
Prefiro a excursão roçando no morro  
Desejo a noite em que a miséria durma  
Indiferente às gargalhadas infernais...

Calma  
Calma de rio de água barrosa  
Donde nos vem a maleita sublime  
O grande bem... Vamos maninha vamos

Na praia passear  
Vou esperar o sonho que há de vir  
E quando vier o hei de matar.

V

Plaff! chegou o Carro da Miséria  
Do carnaval intaliano!

Tia Miséria vem vestida de honour (honra)  
Côr de cobre do tempo  
Atrás dela recolhendo guspe.  
O caronel o ginaral o gafetão  
O puro o heróico o bem-intencionado  
Fio da usina brasileira  
Requebra o povo de Colombo.

Tia Miséria vai se ajeita  
E tira o peido da miséria.

Mármore estralam rebentados  
Vento sulão barrendo as chamas  
Contorce os pinheiros machados  
Zine o espaço carpideira  
Arrancando os cabelos

Dos luminosos magistrais  
E à luz dos raios que te partam  
Colhida pelos vendavais  
Faz bilboquê com a bolinha do mundo  
A cibalização cristã.

## VI

Ah eu sei que as trompas fúnebres  
Chamam os novos prà circuncisão!...

São os moços negros não da África  
São os moços nугros lá das oficinas  
Fábricas e chavascais  
Chapéus fálicos no cocuruto  
E enormes maracás simbólicos na mão...

Caipiras praieiros bichos-do-mato rendeiras  
Trazei pro cortejo mil carros de milho!

A oficina apita no grão da arraiada  
E vamos ter brigas e mortes que bão!

Ao poeta tu pagas ao farda tu pagas  
Louvores e guerras escore tostão...

Larinhos crespinhos e matarazinhos  
Lá vem o esculápio num pingo quartão...

Mas eu sei sei que as trompas fúnebres  
Chamam os novos prà circuncisão!

Bilboquê por bilboquê  
Os moços nugros lá das oficinas  
Fazem bilboquê da civilização.

## VII

Tia Miséria talvez antes que o galo cante  
Me negarás três vêzes Tia Miséria...

## VIII

Nas ondas do mar eu vou  
Tenho mêdo de morrer  
Si eu soubesse que morria  
Nas ondas do mar não ia.

Geme por sôbre mim  
O grande torpe esfacelado  
Âncoras caem feito lágrimas  
Do meu amor que se acabou.

Mergulho no ão do vendaval.  
... tôda essa multidão de caminhos malditos  
Por onde puxo o Carro da Miséria feito boi  
Eu boi? eu cobra! não! que eu sou gaúcho  
Cuéra na dignidade e na zangueza!

Viúvas restritas restrutas restritas  
Venham amostrar a obrigação do poeta  
Que range e come as próprias túbias do naufrágio  
Venham escutar o canto das jangadas  
E a tropilha em rancor cegar meus gritos  
Traíras velozes rombos infinitos  
Maravilhas de Europa e arranha-céus...  
No fundo eu choro como um mamote safado  
No fundo eu choro como um safadíssimo chupim.  
Viúvas restritas viúvas da Bolívia  
Venham explicar a obrigação do poeta  
Assanhadas coitadinhas dessas madres  
Por me encontrarem constipado.

## IX

Ôh, não! muito obrigado.  
...pra depois outro e mais outro  
Basta o que vai-me por dentro  
Amargo de alma de moço  
Dêste século safado  
Cigarro... praquê cigarro

Basta Mussoline Trotski  
A Neoscolástica Freud  
Crise virtuosos cinema  
Como o sereno na flor  
Não insista mais amor  
sou desgraçado não fumo.

X

Pois então violão hás de reconhecer  
Que é impossível em plena cibalização  
A coincidência do leproso...

Nesta casa tem... tem... tem...  
Tem chão de terra e latrina de poço

Neste poço tem... tem... tem...  
Tem adubo fino e doença pra moço.

Êste moço tem... tem... tem...  
Alma de alecrim corpo de caroço.

Alma de alecrim! alma de alecrim!  
Plantaram no chão deu fogo santelmo  
Falaram que aquilo é prata escondida  
Abriram a cova pulou o esqueleto.

O esqueleto segue zurzido  
Pelas tiradeiras pelas pás pelas sementes  
Um rico cidadão provindo de Barbados  
Que resistiu no sorvedouro da Madeira-Mamoré  
Chimpa sôbre o esqueleto um insulto em inglês  
Bate mas não insulta  
Fala o esqueleto com sua cara de pelote  
É então que o bandeirante  
Aponta o clavinote  
Mas Deus existe até num pote  
E o esqueleto engole o insulto  
E mais a ponta do chicote.

## XI

Enquanto isso os sabichões discutem  
Si doce-de-abobra não dá chumbo pra canhão.

## XII

Mas eu mas eu rapazes  
Canto com convicção.  
Eu canto as viúvas canto os marmeleiros  
Canto o gôsto do mel e da amplidão  
Librar librar asas de ouro e granada  
Sôbre o Carro da Miséria  
Mas si o carro está escarlate

Que parece um bonifrate  
Isso é sangue era-não-era  
Que só com a Vaca-Amarela  
Parou o esguicho coagulou  
Com tanta arte de repuxo  
Que é ver pluma de avestruz  
Zás-trás quem é? . . .

É o chauffeur que vem de Angola  
Com a Internacional na bôca  
E o seu chapéu à espanhola.

### XIII

Enquanto o mundo fôr mundo  
Enquanto o sal fôr compra-e-venda  
Enquanto a vida vier com injeção de éter  
Enquanto o poeta tiver  
Vetiver cabeça tronco e membro  
Os milagres farão chuvas de astros nos sonhos  
O amor há de ser tudo e a carícia dos pratos  
Além de alimentar despertará prazer . . .

Chorar é bom, rir bim, raivar é bão pão pão  
Mas im miu páito as núvoas dus absentos  
Não puderão tir mais dulçuras de mulatras  
Nem o soave gimir das brises no caqueiral.

Tôrpe é a cidade. Um desejo sombrio de estupro  
Um desejo de destruir tudo num grito  
Num grito não num gruto  
E dar um beijo em cada mão de quem trabalha...

E si o Fulano fôr maneta?  
Ora brinque-se senhor adevogado  
Diga adeus e vá pro Diabo que o carregue  
Que eu também já vou saindo  
Pro galo poder cantar.

#### XIV

Vou-me embora vou-me embora  
Vou-me embora pra Belém  
Vou colhêr cravos e rosas  
Volto a semana que vem

Vou-me embora paz da terra  
Paz da terra repartida  
Uns têm terra muita terra  
Outros nem pra uma dormida

Não tenho onde cair morto  
Fiz gorar a inteligência

Vou reentrar no meu povo  
Reprincipiar minha ciência

Vou-me embora vou-me embora  
Volto a semana que vem  
Quando eu voltar minha terra  
Será dela ou de ninguém.

XV

Êstes zabumbas que eu quero!  
Quero a vida franca nobilitada  
Esquecida dos séculos atrás!

Vocês sombras ignaras das enxadas  
Punidos sem razão nas camisas listradas  
Mães pra ter filho mães pra lavadeiras  
Vermes barrigudinhos chins e Almeidas  
Avança avança contra tôda a Cristandade!

General serás derrotado  
Há de o sabor da vida alumiar tantas almas  
Quantas o dia contiver  
Por que não serão sombras os passados

Por que não há de a glória dos povos  
Ruir em saudade inocência vazia dos tempos escuros  
Vertigem de tanto crime que se foi? . . .

Ainda não viveste  
Não refaças com dulce e suciadade  
A longa vida de inferioridade  
Que os séculos atrás acumularam  
Há um fulgor bravo em se datar a entrada  
Sem reviver puxando atrás de si  
A cauda do pavão e mil olhos de séculos  
Te castigando o andar debilitado.

## XVI

Nasce o dia canta o galo  
O salvador não nasceu.

Não foram êsses heróis heróis revolucionários  
Que ficaram heróis heróis revolucionários  
Martirizados pelo encalhe do café  
Não foram êsses heróis vestidos de farda e farsa  
Capazes de vencer na luta pizzico-física  
Crentes ainda de corage e covardage  
Que fizeram vosso dia  
Não nasceu o salvador.

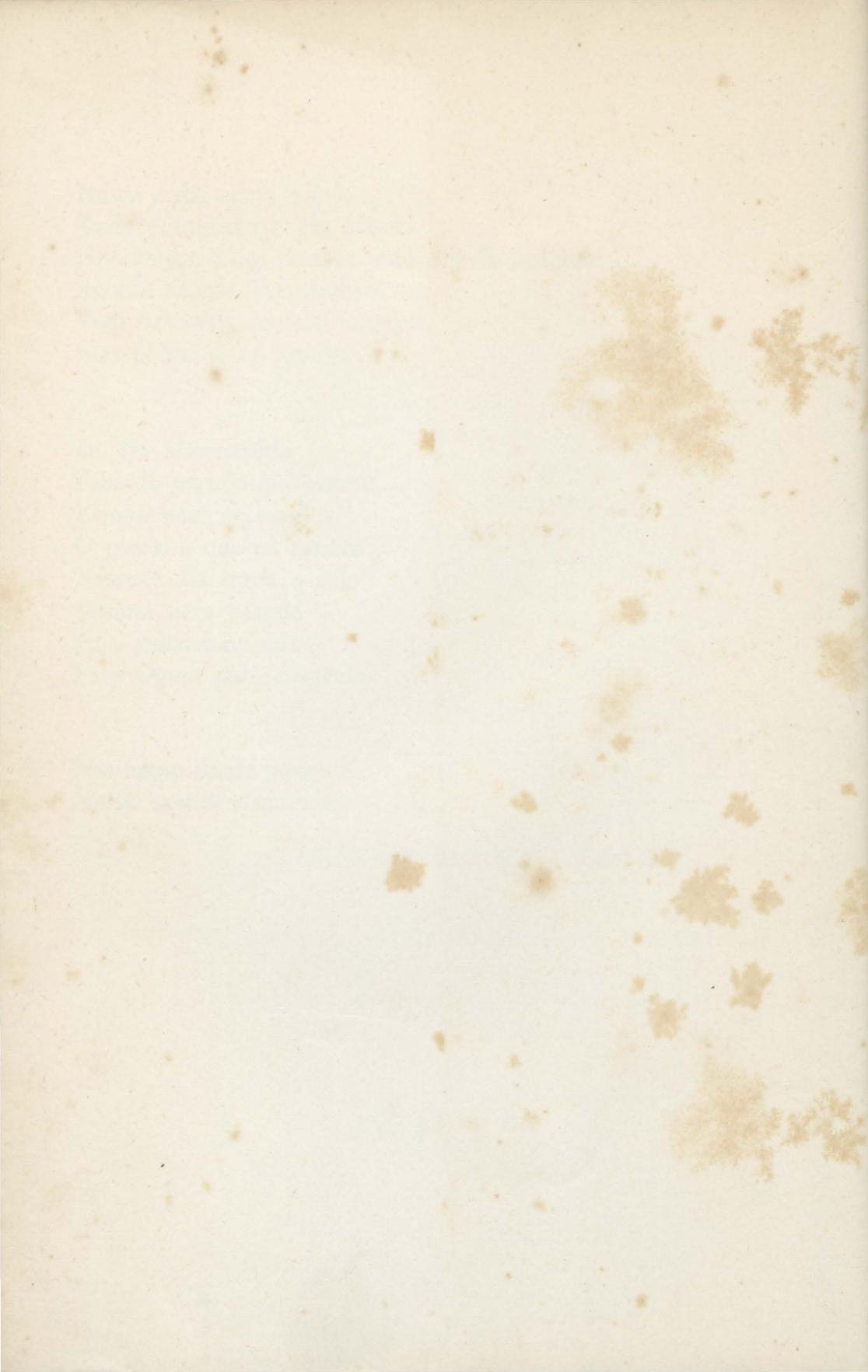
Nasce o dia canta o galo  
Tudo é angústia e Tia Miséria  
Grunhe junto aos portões feito capado e dorme  
Acorda acorda Tia Miséria  
Vem nascendo um dia enorme  
Mas pouco se vê porém!

Ôi Tia Misemiséria  
Tens de parir o que espero  
Espero não! esperamos  
O plural é que eu venero  
Nasce o dia canta o galo  
Miséria pare vassalo  
Pare galão pare crime  
Pare Ogum pare cherém:

Pois então há de parir  
Nossa exatidão também.

(24-XII-1930; 11-X-1932 e 26-XII-1943)







270.4



Impresso na  
E. G. "Revista dos Tribunais" Ltda.  
São Paulo

